

Editorial

No mundo contemporâneo a realidade e o cotidiano tornam-se cada vez mais reféns da mídia, de sua espetacularização e capacidade de produzir o isolamento e a introspecção das pessoas e de seus sentidos de existência, simplificando e esvaziando os conteúdos da realidade. Neste cenário, dominado pela ciência e pela técnica, o passado e o futuro parecem desaparecer frequentemente, cedendo lugar para a sedução do imediatismo, do aqui e do agora, de um presente eterno e sem memória quando em muitos casos os acontecimentos parecem anular o pensamento. Há uma certa acomodação e rejeição velada e consciente do ato de pensar. Nesse contexto, como escrever criticamente de forma tradicional no papel impresso? Como ter a ousadia de manter uma revista na chamada “periferia” do fazer científico? E o sertão produz ciência? Sem querer a vitimização como forma de identidade, ainda prevalece uma certa construção histórica do sertão como lugar nenhum e sem vida, visão que vem se rompendo de dentro pra fora e de fora para dentro. Se a tecnociência desumaniza os processos e a ação isola os sujeitos no vazio da máquina, teremos leitores para este tipo de comunicação? Mais perguntas do que pretensas respostas.

A tecnologia e seus avanços configuram o cotidiano de parcelas significativas da população. Contudo, tem gente que ainda não está conectado nem com o ato de ler e escrever, mas consegue entender o mundo com outras linguagens, sentidos e significados. A revista Opará continua neste circuito da teimosia criativa da alma humana que não se nega ao novo, entretanto, não despreza velozmente os saberes, as construções reais e populares de produzir, problematizar as formas de conhecimento. Textos, frutos da experiência de pesquisadores, educadores e educadoras, a 2ª edição da Revista Opará vem confirmar que, apesar do pretenso vazio mediático, ainda persistem os sujeitos da história, cujos sonhos e pensamentos, encarnados no sertão, falam do povo, de classes, de resistência, de educação contextualizada, de tecnologia, saberes e conhecimentos tradicionais e populares. Sem saudosismo romântico, ufanismo endeusador dos modernos produtos informacionais, a revista segue do sertão, do litoral, com seus limites, mas com o anúncio que a vida de grupos tradicionais e considerados minoritários e suas lutas não podem ser esvaziados e desqualificados pela comunicação mercadológica. A revista revela uma postura política de governança científica e popular da comunicação. Ela é um valioso e amoroso esforço de socializar o conhecimento construído e alimentado pela sociedade. Tudo tem sua trajetória e memória. Nada de fatalismo, do acaso. Apesar de um certo pragmatismo, os sonhos humanos ainda alimentam e pulsam com luz discreta do sol e da lua, e estes refletem os mistérios e encantos das águas do rio e do povo que alimenta a esperança encarnada nas ações as quais suavemente pemeiam a brisa, o quão misteriosamente anuncia o novo que teima em nascer.

Dorival Pereira Oliveira
Diretor do Departamento de Educação de Paulo Afonso – BAHIA – campus VIII